

DIREITO À INFORMAÇÃO

1366

Nº 8

Perguntava Napoleão como se poderia manter a ordem no Estado sem uma Religião. Melhor epígrafe não encontraríamos para este número.

Somos daqueles cristãos que perguntam porquê o Evangelho perdeu aqui a sua força e se a Igreja em Portugal terá necessariamente de continuar mobilizada ao serviço da "desordem estabelecida".

Sofremos por ver a face da Igreja, Mãe e Mestra, desfigurada. No entanto o Evangelho não nos permite julgar os bispos que, em bençãos, banquetes e inaugurações, aparecem ao grande público com todo o peso de uma caução moral que os encandeia ao regime. E nem mesmo podemos julgar certos padres que, ainda em muitas regiões e em jornais católicos, sustentam abertamente o Estado Novo. Tudo isto é também traição de todos nós, e temos consciência de quanto têm pesado as nossas fraquezas e omissões.

Então, porque falamos?

Nós não passamos de uma parcela do Povo de Deus que rejeita a instalação, o longo silêncio adormecido de quarenta anos, que serão mais uma vez comemorados com todas as bençãos eclesiásticas. Conosco está o clamor dos pobres, pobres de pão, pobres de liberdade e de dignidade, que são multidão em todo o chamado "mundo português". Sofremos porque, perante tais clamores, a Igreja em Portugal não fala. A voz do Evangelho, dos Papas, do Concílio não se faz ouvir. A verdade é traída como preço pela "paz" e pela "ordem". Os pobres sofrem, e a Igreja das bemaventuranças, a Igreja serva e pobre, não está com eles. Os homens são oprimidos, e a Igreja da liberdade perde-se em distinções subtis, manda acatar as autoridades, relembra a todos que não são do mundo, tenta explicar o termo "liberdade" quando se tornou urgente empregá-la e defendê-la. Mas "quando a Igreja se transforma em máquina de fabricar resignados e bem-pensantes, ela fabrica ainda mais eficazmente na nossa época ateus e revoltados". Este o testemunho insuspeito de um marxista, com quem temos de estar de acordo. A situação é grave, e nós queremos ver outra face na nossa Igreja. Uma face que resplandeça de amor e serviço em vez de instrumento de apoio a um regime que esmaga em nós a imagem de Deus.

(Atinge por vezes as raias do ridículo a forma irresponsável como se embrulham as realidades Deus e Pátria, Igreja e Estado Novo, Providência e Salazar. Damos alguns textos para amostra, num campo onde só o espaço falta, que não o material)

Jornal "A VOZ", 27.4.65:

Domingo de Páscoa - Missa solene na Madalena. "Cuivres" da Orquestra Lamoureux, coros da "Madeleine". Missa em mi de L. Saint Martin. Uma prece pedindo saúde para o nosso querido Doutor Salazar e todos os seus colaboradores e amigos dedicados, como o ilustre director de A VOZ. Na caixa das esmolas pus uma nota de banco portuguesa em que escrevi: - Priez pour Salazar, saint et héros - que défenseur de Christ, de Portugal et de la civilisation.

Discurso do Arcebispo de Lourenço Marques, no jornal A VOZ, 18.4.1961:

... A conclusão é que a mensagem pacífica de Jesus ainda não penetrou em todos os seres humanos. Essa doce e austera figura de Mestre e de Pastor é ainda um desconhecido para muita gente. Já isso é triste e grande mal; maior ainda encontrarem-se baptizados entre os traidores à Pátria. Significa isso que antes o foram a Jesus Cristo e ao seu Evangelho...

A ASSEMBLEIA NACIONAL PRESTOU HOMENAGEM A D. ANTONIO BENTO MARTINS JUNIOR, GRANDE ARCEBISPO DE BRAGA E GRANDE PATRIOTA, CUJA MEMÓRIA FOI EVOCADA PELO DEPUTADO COMENDADOR SANTOS DA CUNHA.

(Título de "NOVIDADES", 5 de Dezembro de 1963)

... E foi por isso um Prelado que na devida altura sempre soube prestar justiça ao homem que permitiu que durante estes anos se estabelecesse o clima necessário ao florescimento da Igreja em Portugal, o Senhor Presidente do Conselho.

Recordo dois factos apenas. Primeiro, numa hora má em que alguém pretendeu perturbar a paz religiosa neste país, o Sr. D. António Bento Martins Júnior, em plena Catedral de Braga, por ocasião da comemoração do Estatuto Nacional do Trabalho, sendo Ministro das Corporações o nosso ilustre colega sr. dr. Veiga de Macedo, ergueu a sua voz para prestar justiça a quem a merecia e repor as coisas no devido lugar...

...O Venerando Prelado proferiu uma homilia em que salientou a importância da data para a Nação portuguesa. E recordando uma passagem da Sagrada Escritura - quando Moisés procura levantar o ânimo ao povo eleito - disse: "State et videte!" Levantai-vos e cobrai ânimo, recordando o que fostes e o que sois, graças à obra do homenageado.

Ontem, na cátedra universitária, espalhando a jorros a luz dos cimeiros e preparando a geração do resgate; logo ao leme da barca nacional, preparando-lhe e infundindo-lhe alma nova; e convidando todos os portugueses à união em volta do ideal do bem comum; e relevando os tesouros preciosos das virtudes magnânimas, latentes na alma lusitana; e restabelecendo a unidade espiritual da Pátria, em volta do símbolo sacrossanto da Cruz redentora; e pondo ciência e honradez na administração pública; e orientando a riqueza nacional num sentido social e humano; e implantando, por essas províncias além, monumentos importantes, que aí ficam como livro aberto a dar testemunho irrecusável da época de progresso como poucas que conhecera no passado o nosso país; e defendendo a Terra portuguesa, aquém e além mar, contra a cobiça dos outros povos estrangeiros...

... Paremos aqui um pouco, contemplando estas maravilhas de Deus, operadas pelos homens que n'Ele creem e θ adoram. Admiraremos as transformações operadas desde há 30 anos no nosso país, graças ao Espírito novo que felizmente continua soprando em todos os quadrantes da vida nacional, com vigoroso ímpeto renovador. Mas ao mesmo tempo peçamos a Deus que continue iluminando e guiando os homens públicos que governam o país e nomeadamente o Sr. Presidente do Conselho, arrojado e tenaz timoneiro, a fim de que possam ser satisfeitas e quanto antes, e por inteiro, as aspirações do povo português que ainda o não foram e de que sejam finalmente removidos os obstáculos que dentro ou fora das fronteiras constituam ameaça ou perigo para a paz, a ordem e a tranquilidade públicas. E para isso forçoso é que esta nossa homenagem e ardentes votos de longa vida que fazemos junto do altar da Padroeira se traduzam numa pronta, desinteressada e firme colaboração com os olhos postos na pátria terrena, mas sem os tirar da Pátria celeste que é a única Pátria eterna, mansão autêntica da verdadeira Ordem e Paz inexauríveis a que todos aspiramos."

Parece que na Ásia as coisas não andam muito bem. A Índia e a China andam continuamente a pegar-se e, se não foram problemas de maior monta no mesmo continente, e em que a China também toma parte, talvez que a Índia estivesse já a braços com uma guerra. E era muito bem feito!

Eu acredito em Deus. Por isso rezo todos os dias para pedir a Deus que permita que a China e a Índia se envolvam numa guerra; uma guerra não muito grande, mas guerra.

É que podíamos assim emprestar à China, a título temporário, gracioso ou não, o Estado português da Índia para as suas operações militares. E como - assim está escrito no Tribunal Internacional da Haia - esses territórios são portugueses, talvez essa fosse uma maneira de eles voltarem a estar sob a nossa administração. Que felicidade para os goeses, ora escravizados, tão frequentemente perseguidos, às vezes assassinados!

Mas a China é comunista, e não parece possível que o nosso Governo reconheça esse regime. Além disso essa tal guerra não se mostra, para já, muito possível.

Dá Deus as nozes a quem não tem dentes!

do DIARIO DE NOTICIAS, 28.6.64

Perante a formatura, sob o comando do sr. Tenente-coronel Garcês de Lencastre, o Capelão do Governo Militar de Lisboa celebrou missa e, na altura própria, proferiu uma homilia que rematou com estas palavras:

"Soldados! Temos querela justa. Naquela véspera da batalha de Aljubarrota, Nun'Álvares falou também a rapazes como vós, a Ala dos Namorados. E falou-lhes desta maneira: "Em nome de Deus e da Virgem, sejamos prestos e fortes, temos querela justa". É justo o sacrifício em que vamos empenhar-nos, em nome de Deus e da Virgem, que sejamos prestos e fortes, audazes, valentes e saibamos que estamos apenas a defender a liberdade de todo o mundo, a dignidade, a honra, e a servir a Paz que o mundo parece recusar. Nós trabalhamos a favor da Pátria, a favor de todas as pátrias e a favor do mundo inteiro.

E neste juramento, a que todos nós vamos assistir, todos, intimamente, militares ou civis, tomamos parte para vos dizer: bem hajam e Deus vos guarde e abençoe".

A "INDEPENDENCIA" DA IGREJA PERANTE A POLÍTICA...

5

(de "A Voz do Domingo" - 8.6.58 - Semanário Católico de Leiria, propriedade da Diocese, dirigido por um Cônego, que assina:)

"Os Bispos não podem falar mais claro. Mas nós podemos. E falamos. E escrevemos.

Nada de violências! Nada de medo! Vamos todos às urnas! Vamos todos votar! E todos em Américo Tomás!"

Em Editorial: "Votar em Humberto Delgado quer dizer: União com o comunismo, reatamento de relações diplomáticas com a Rússia Soviética, invasão oficial do país por uma legião de propagandistas e agitadores soviéticos, preparação das horas de destruições, de sangue, de lágrimas, de fome, de lama, de roubos, de violências, de sacrilégios, de assassinatos que, não há muito, ensanguentaram a terra de Espanha..."

Votar em Humberto Delgado é rasgar a lei fundamental da Nação, abolir a Concordata com a Santa Sé e talvez cortar as relações diplomáticas existentes, é perder o direito de propriedade, pois tudo fica a pertencer ao Estado; é abdicar do direito de prestar a Deus o culto que lhe é devido...

Votar em Humberto Delgado é esquecer e renegar toda a história de Portugal, desfazer-se de toda a glória que herdámos dos nossos antepassados, é trair os mais altos e sagrados deveres de amar e servir a pátria que nos foi berço e que não poderá sobreviver, longe de Deus e da religião, como o candidato e os seus apaniguados e os seus protectores querem."

TRONO E ALTAR, FE E IMPERIO, CRUCIFIXO E PUNHAL

(do "Diário de Lisboa" - 3.6.65):

"Em seguida, com a banda da Força Aérea executando marchas militares, os recrutas desfilaram, espaçados, cruzando-se frente à bandeira nacional, que beijaram."

Diante da bandeira, o capelão do regimento, rev. capitão António Martins, segurava um crucifixo e o comandante Argentino Seixas segurava um punhal, "símbolos do espírito e da força". É este o único regimento do País em que se efectua este acto."

(carta de um cristão, 12.12.1959)

" A fé, a fidelidade, a obediência, tornaram-se entre nós extremamente difíceis e não nos demos admirar que estas virtudes caíam no desespero. (Exceptuam-se, é claro, a fé milagreira, a fidelidade à ordem estabelecida e a obediência passiva - formas requintadas de idolatria e de traição). Talvez sempre tivessem sido difíceis. Mas hoje é demais, e Deus há-de ter piedade dos desertores.

Quando a Igreja condena uma heresia abre o caminho à heresia contrária. Se nem sempre assim acontece é, julgo eu, porque o trabalho e o diálogo dos cristãos restabelecem o equilíbrio. Quando os cristãos que deviam fazê-lo o não fazem, ou porque não querem, ou porque não são capazes, ou porque não há condições externas para isso, quem é responsável pelo facto de alguns cristãos se desviarem da heresia contrária, saltando desesperadamente fora da carroça?

... Deve ser assim que muitos corações generosos saltam a trincheira, mas não me parece que seja por esse caminho que se perde a fé - a não ser a fé naquilo que não é o seu objecto verdadeiro. De resto, mesmo que se salte a trincheira e se perca a fé ou se julgue perder a fé, mesmo assim não é fácil dizer quem é que combate o bom combate: se aquele que se acomoda a tudo, ateita tudo e tem fé em tudo e defende em nome de Deus os seus interesses e as suas comodidades, se aquele que se revolta, que resiste, que recalcitra e passa aos bárbaros, que por fim, para combater a Deus, acaba por combater aquilo que não é Deus, aquilo que não vem de Deus, aquilo que compromete Deus, quer dizer, aquilo precisamente que Deus quer que se combata.

Decerto, não é para desejar que a gente se faça trânsfuga para combater o que há de impuro na cristandade, a imensa hipocrisia da civilização cristã, incluindo a impureza e a hipocrisia clerical. Mas, se isso acontecer, quem tem o direito de julgar?

Pecado por pecado, acho que é maior o de se instalar no sepulcro caído do que o de sair cá para fora de armas na mão: no sepulcro caído não pode haver fé (é aí mesmo que ela morre); sair pode afigurar-se a certas almas a única maneira de salvar a fé em qualquer coisa - um acto de homenagem ao Deus Desconhecido. E se essa "qualquer coisa" fôr mais pura do que os interesses sórdidos que se camuflam no nome do Senhor, é melhor que ela se salve através duma infidelidade aparente do que ofender a Deus por meio de uma fidelidade convencional.

"A REBELIÃO DOS CATÓLICOS"

7

(C. Perena, no diário católicos de Madrid, "YA", 7/2/65)

Muitos cristãos querem a todo o custo viver a mensagem evangélica do amor na plenitude do mundo moderno. Não têm medo do progresso, da tolerância, do socialismo, do ateísmo. Para se revoltarem contra o mundo, começaram por se rebelar contra si mesmos, contra a sua própria inércia e cobardia, contra os seus próprios compromissos e privilégios. Revoltam-se contra a hipocrisia, contra o medo de dizer a verdade e de a ouvir. Renunciaram a ser conformistas, conservadores, intransigentes. Repugna-lhes uma vida emburguesada e causa-lhes náusea uma sociedade falsa e malsã, destruidora de tudo o que há de essencial no homem.

Foi necessário que o marxismo sacudisse os fundamentos mais sólidos da "ordem", que o capitalismo degradasse os valores supremos do espírito, para se assistir a esta renovação da consciência atrofiada e quase insensível à injustiça social. Em Espanha, como noutros países, vai-se difundindo esta consciência cristã de rebelião contra a injustiça e a intolerância...

...Podemos deter os ecos de tal consciência, podemos desacreditá-la e até mesmo lançar suspeitas sobre a sua ortodoxia, mas nunca seremos capazes de destruir os seus sentimentos cristãos de rebelião contra um mundo deformado pelo ódio e pelo egoísmo, muitas vezes sob a camuflagem da religião ou do patriotismo... Para certa gente isto é incompreensível; para muitos nada há mais claro. Renunciam a ser cidadãos de primeira classe para serem irmãos de todos; querem regressar a um cristianismo primitivo, mas vitalizado, actualizado e adaptado ao século XX.

...Tais cristãos encontram sempre lugar ao lado de todos aqueles que lutam pela transformação da sociedade e pela libertação dos oprimidos. O seu comprometimento está fundado na concepção cristã do homem que conduz à verdadeira democracia social, à igualdade e à justiça social, à abolição da opressão pelas raças mais evoluídas, à libertação das consciências que aprendem a julgar por si mesmas, e ao abandono de toda a espécie de materialismo.

...Nem é de admirar se os filhos deste século e também no fundo do coração os filhos da luz digam ou sintam que os homens da Igreja, entre as virtudes cardiais, preferem a prudência e a temperança e não amam suficientemente a justiça e a fortaleza. Isto é evidentemente falso a respeito de muitos e é injurioso para a Igreja militante. Todos nós sabemos que o nosso século é digno de se lhe chamar a idade dos mártires, como os primeiros séculos da nossa História.

Temos aqui diante de nós verdadeiros confessores da fé, os quais já houve oportunidade de aplaudir... Já ouvimos os testemunhos de alguns deles, expressa e colectivamente do egrégio e corajoso Episcopado da Polónia...

No Evangelho não encontramos distinções entre o César pagão e ateu e o César cristão e tradicionalista. Com efeito, o problema e a sua contestação pode nascer e nasce junto dos povos que cultivam as tradições da "bela época", que servem e conservam as coisas anteriormente instituídas, das quais o "catolicismo" ou princípio de "ordem" era parte integrante, em geral no costume concordatário e nas relações diplomáticas com a Santa Sé. Em tal regime de ordem e autoridade, de certo paternal e talvez excessiva, assim como as ovelhas que dormem, ignoro se os pastores, têm os olhos pesados: no Getsémani, enquanto só Ele agonizava, todos os Apóstolos dormiam excepto Judas.

...Se o Bispo, em defesa de uma causa justa, ainda que apenas moral e teoricamente, está com os pobres e a doutrina da Igreja, de certeza que incomoda: e isto tanto num regime democrático como num regime autocrático. Simplesmente num regime autocrático, além de que tais ocasiões são muito mais graves e frequentes, o chefe político muito e muito pode, senão tudo...

...Que fazer portanto? O Bispo ouviu na sua consagração: "Ao Bispo compete julgar, interpretar, ordenar, etc. Recebe o báculo do dever pastoral; para que sejas piamente violento em corrigir os vícios, julgando sem ira... Impomos Senhor, na cabeça deste antístite e teu atleta o capacete da defesa e salvação, de forma a que apareça terrível diante dos adversários da verdade... lutador robusto".

A mesma Igreja pede a Deus que o bispo continue e apascente na Sua força e na sublimidade do Seu nome.

Um grupo de católicos portugueses dirigiu a todos os Padres Conciliares presentes em Roma uma carta na qual, "alimentados e vivificados pelo Concílio" e confiantes na importância que tomará o Sínodo Episcopal, pretendem informar os bispos sobre a presente situação da Igreja em Portugal.

"É uma porção da Igreja do Silêncio, duma Igreja pobre e humilhada, que se dirige nesta carta àqueles a quem o Senhor Jesus confiou as chaves do Reino dos Céus", diz o texto.

Em Portugal, continuam os anónimos autores, o catolicismo, religião tradicional, tem por função essencial a integração das consciências individuais na ordem política. Neste contexto, a única forma de religião aceite pelo regime é uma religião conduzida a um fenómeno puramente individual e cultural, que considera todas as realidades sociais e políticas como um campo impuro que deve ser deixado ao Estado.

Em seguida a carta enumera as consequências das relações entre a Igreja e o Estado. Se, por um lado, a imprensa e a televisão dão grande relevo às manifestações religiosas "inocentes" (procissões, missas oficiais, etc), os acontecimentos do Concílio e as mensagens pontifícias mais significativas são, pelo contrário, sistematicamente deformadas ou até, como aconteceu com a viagem do Papa a Bombaim, pura e simplesmente silenciados. A censura corta as encíclicas sociais e impede o episcopado ou qualquer outro grupo, católico ou não, de se pronunciar sobre problemas tão fundamentais como a vida infra-humanas dos trabalhadores, a mistificação que representam os pseudo-sindicatos estatais, as lacunas e deficiências da previdência social e da assistência médica, a instrução das camadas populares onde a escolaridade obrigatória é apenas de quatro anos, e o sistema de auto-censura que impede qualquer discussão livre.

O Bispo do Porto foi exilado por ter chamado a atenção, em público, para as exigências do Evangelho e por ter denunciado os abusos do regime em relação à Igreja. Reduzem-se ao silêncio jornais católicos. Quando os católicos atraem as iras do regime, prendem-nos ou fazem-nos passar por comunistas. Padres angolanos encontram-se exilados em Portugal desde o começo da guerra de Angola por se terem oposto ao princípio da missiona-

ção portuguesa: "Dilatar a Fé e o Império".

Em face de tal situação, prossegue a carta, não é difícil adivinhar a triste reputação de que goza a Igreja de Cristo na maior parte dos meios, sobretudo no meio operário. A Acção Católica atravessa grave crise. A pastoral, baseada numa religião "sociológica", é ineficaz, sobretudo nos meios urbanos. As poucas tentativas de renovação que já foram empreendidas põem em causa a religião como meio de integração social e política.

Foi por este motivo que quisemos alertar as autoridades, diz a carta em conclusão. Não nos pertence condenar pessoas nem julgar intenções. "Acreditamos firmemente que só da fidelidade à Igreja que em Roma se renova nos poderá advir a salvação. Que este nosso apelo possa contribuir para a renovação conciliar da Igreja em Portugal.

INTERVENÇÃO DO BISPO DO PORTO (cont.)

Que acontecerá, pois, se, ao acreditar nisto e ao realizá-lo (ou apenas ao recusar-se a agir de modo contrário ou a usar de fingimento, sobretudo quando os próprios dizem: quem não é por nós é contra nós), o bispo incomoda os poderosos?

... a liberdade é o maior bem da Igreja, e o mais importante. Ora a liberdade da Igreja é a liberdade dos Bispos. Não existe liberdade para a Igreja sem a liberdade dos Bispos com o seu presbitério: por causa desta liberdade renunciaram à vida e actividades familiares, económicas e políticas!

... Oxalá que isto fosse sempre claro, pelo menos em todos os espíritos eclesiásticos! Como se descreve nos Actos dos Apóstolos: "Então eles saíram, cheios de alegria, da presença do Sinédrio, por terem sido achados dignos de serem afrontados por causa do nome de Jesus". A afronta dos reis e dos povos e dos seus chefes pode ser recebida pelo Bispo com alegria; não assim, porém, a dos irmãos...

(da 2ª carta do Eng. Cunha Leal ao Cardeal Patriarca de Lisboa, 20.2.1965)

... Diz Vossa Eminência que adoptaram este equipamento bélico e esta pose heroicizante, por isso que lhes incumbia defender a liberdade religiosa. Mas - Meu Deus - nunca houve em Portugal tantas perseguições aos católicos opositoristas como no decurso da vida desta ditadura sem que, por tal motivo, se tenha quebrado o mutismo pouco imparcial de V. Eminência e dos seus colegas do Episcopado.

Homens como o Padre Joaquim Alves Correia, à data Superior dos Missionários do Espírito Santo no nosso país, só por se ter atrevido a dar publicidade às informações pertinazmente recolhidas pela Exmª Srª D. Berta Maia sobre o vil assassinato na noite trágica de "19 de Outubro" de seu marido, o generoso e nobre comandante Carlos da Maia, foi preso e forçado a abandonar Portugal, indo, como ele me escrevia, a ensinar filosofia a doutores numa universidade católica do Canadá quando a sua grande aspiração era continuar a sua obra de missão na África Portuguesa. E lá morreu no exílio, deixando as tristes ossadas em terras estranhas.

O Dr. Abel Varzim, sacerdote inteligente, culto e de preclaras virtudes cristãs, estava desempenhando na freguesia lisboeta da Encarnação uma autêntica e meritória obra de apostolado, mas, sob a acusação de extrema severidade na interpretação da doutrina católica, foi projectado para uma pequena freguesia nortenha, onde não lhe faltaram perseguições políticas, até que a morte, talvez misericordiosa, o fez transitar deste mundo perverso para o seio de Deus.

O Padre Pio, por ter obedecido aos imperativos morais da sua religião, ao dar guarida, por escassas 24 horas, a um foragido e categorizado católico, a quem a sua revolta espiritual projectara em movimentações subversivas, foi preso e julgado, acabando por entregar a alma ao Criador, talvez em consequência do agravamento dos seus males, ocasionado pelo regime prisional.

(artigo de M. GARRIGOU-LAGRANGE em Témoignage Chrétien, 12.12.64)

Para se compreender - que não justificar - a atitude da Igreja em Portugal, temos de recorrer à época ainda recente em que tudo o que tivesse o epíteto de cristão era banido, escarnecido, perseguido. Veio Salazar e reabriram-se as igrejas, voltou-se a ensinar o catecismo, o clero começou a ser respeitado. A Igreja respirou, como se saísse de um subterrâneo longo e sombrio; a partir de então, tudo o que evoque esses tempos de abominação ou permita supor que eles voltem parece tão negro como o mafarrico. As palavras "socialismo" e "liberalismo" cheiram a enxofre; "progresso" inquieta; "revolução", "comunismo" e "vanguarda" despertam um verdadeiro pânico.

E a Igreja tornou-se uma das colunas que mais firmemente sustentam o Estado Novo. Quando Salazar convida todo o povo português a manifestar a sua coesão entusiasta quanto ao problema de Angola, é nos priores que encontra os melhores propagandistas; são eles que, após a homilia, indicam aos cristãos os autocarros que os hãode levar a Lisboa. E pode ver-se, à porta de numerosas igrejas, um cartaz onde a Virgem inunda com os seus raios de ouro Guiné, Angola e Moçambique... Aliás os bispos, já por várias vezes acentuaram a solidariedade da Igreja e do Estado na sua missão comum em relação aos territórios de além-mar.

Assim neste texto colectivo de Janeiro de 1961:

(...)"É a grande tentação da ordem moral, da instabilidade política e social, da instalação. Como é que não havíamos de nos alegrar ao ver as comissões governamentais censurar impiedosamente as imoralidades do teatro e do cinema... e com a mesma tesoirada, as ideias inquietantes! "

Onde é que a Igreja poderia, melhor que neste quadro sólidamente estabelecido, corresponder às exigências da sua missão? baptizar, ensinar e sobretudo formar os padres cuja necessidade é tão cruelmente sentida em Portugal? E chegamos a este paradoxo, do qual infelizmente a história nos apresenta outros exemplos: a Igreja existe, tem até casa própria. Vista do exterior, é sólida e de bela aparência. Mas os proprietários venderam os móveis para salvarem a fachada. Que aconteceu então ao Evangelho?

